

HÉRCULES FLORENCE

Odilon Nogueira de MATOS

Distinguido com honroso convite para falar sobre Hércules Florence, julgo oportuno recordar como foi que tomei conhecimento da vida e da obra do grande franco-campineiro que, após extraordinária jornada pelo interior do Brasil como integrante da famosa e ao mesmo tempo trágica “Expedição Langsdorff” escolheu nossa cidade para sua residência, aqui constituindo família proveniente de dois matrimônios e aqui realizando suas pesquisas em torno da fotografia, de cuja invenção é o verdadeiro “pai”, antecipando de alguns anos ao seu compatriota Daguerre. Os direitos de Hércules Florence são atualmente reconhecidos, segundo as mais autorizadas e idôneas fontes.

Nos meus tempos de menino – julgo oportuna esta recordação – Hércules Florence era para mim simples nome de uma pequenina rua na cidade de Campinas, na qual o velho e saudoso bonde “Botafogo” entrava para alcançar a rua Culto à Ciência” e, depois, retornar pela Andrade Neves ao centro da cidade. Rua estreitíssima (mais que o comum das ruas de Campinas) era mediante hábil e assustadora manobra dos motorneiros que o bondinho por ela se embarafustava para, depois, prosseguir o seu roteiro de volta ao centro da cidade.

O assistir freqüente a essa ocorrência deu-me uma certa familiaridade e também simpatia pelo nome da pequena rua, então de uma só quadra, levando-me a indagar sobre o homenageado. Por incrível que possa parecer, ninguém soube me informar. O mais que me souberam dizer foi que Hércules Florence fora um francês que no século passado (quer

dizer no século XIX) residira em Campinas. E certamente muita gente, de fato, não soubesse mais do que isso.

Foi através de escritos do Visconde de Taunay que tomei conhecimento do franco-campineiro patrono da pequenina rua, pois não só ele o arrolou entre os “estrangeiros ilustres e prestimosos no Brasil”, precioso elenco publicado na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” no ano de 1875, como dele traduziu e publicou na mesma revista o relato da chamada “Expedição Langsdorff” aos sertões do Brasil. Uma parte desse relato sob o título “De Porto Feliz a Cuiabá” foi reproduzida em 1928 na “Revista do Museu Paulista” e foi esse o texto florenciano que me coube ler quando, adolescente ainda, tomei-me de interesse pela vida e pela obra de Hércules Florence. De fato, residindo em cidade de interior, não tinha acesso à preciosa Revista do Instituto Histórico Brasileiro, onde o texto integral fora publicado, pois em forma de livro, a “Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas” só apareceria em 1941, editado pelas Edições Melhoramentos, com prefácio de Afonso de Taunay e nota introdutória de Ataliba Florence. Uma nova edição só apareceria em 1948 pela mesma editora e uma terceira em 1976 pela Editora Cultrix, em convênio com a Universidade de São Paulo.

Todavia, embora atualmente possua o texto integral da “Viagem fluvial” (inclusive na versão revista pelo próprio autor em 1848), conservo com grande carinho a edição parcial de 1928, que foi, por assim dizer, a minha iniciação à obra do grande franco-campineiro, a quem evocamos nesta sessão.

“Patriarca da iconografia paulista”, como o denominou Afonso de Taunay, Hércules Florence nasceu em Nice (França) a 29 de fevereiro de 1804. Veio para o Brasil em 1824, desembarcando no Rio de Janeiro, onde permaneceu algum tempo à espera de oportunidades para o desempenho de suas atividades no domínio da pintura.

Sua vinda para o nosso país coincidiu com uma época de intenso intercâmbio cultural entre o Brasil e a França. Uma das mais importantes manifestações desse intercâmbio encontramos-na na vinda para o nosso país da família Taunay. A derrota de Napoleão em Waterloo

(1815) criou uma situação delicada para os bonapartistas (e entre estes figuras expressivas como os Taunay) levando muitos a emigrarem para outros países, como o sul dos Estados-Unidos e o Brasil. Resultou disso a chamada “Missão Artística de 1816”, conjunto com que se denomina a “equipe” de artistas franceses contratada pelo Conde da Barca. É sabido que uma das felizes iniciativas do Príncipe Regente D. João (o futuro D. João VI) foi a fundação no Rio de Janeiro de uma Escola de Belas Artes. Daí o envio do Conde da Barca a Paris a fim de contratar excelentes artistas dispostos a virem para o nosso país. Já mencionamos, como fruto dessa missão, os que vieram para o Rio de Janeiro, aqui influenciando de maneira positiva para o desenvolvimento de nossa vida artística.

O fato de Hércules Florence ter vindo para o Brasil quase pela mesma época tem levado muitos a pensarem ter sido ele um dos contratados pelo Conde da Barca. Nada menos exato. Florence nada teve com a “missão de 1816”, mesmo porque veio bem mais tarde e por conta própria. Estava ele já no Rio de Janeiro há algum tempo, à procura do que fazer, quando alguém lhe mostrou um anúncio de jornal no qual o Barão de Langsdorff, cônsul da Rússia no Brasil procurava um desenhista para uma expedição científica ao interior do país. Florence candidatou-se e foi contratado como segundo desenhista. O primeiro era Rugendas, que, aliás, acabou desistindo da missão e foi substituído pelo jovem Amado Adriano Taunay.

A expedição, que tinha o patrocínio do czar Alexandre I da Rússia, era chefiada pelo próprio Langsdorff e durou quatro anos. Partiu do Rio no dia 3 de setembro de 1825 e por vias marítima, terrestre e fluvial, percorreria quase 14 mil quilômetros. A parte mais difícil e que mais cuidados mereceu foi a fluvial, a partir de Porto Feliz e alcançando Cuiabá, seguindo a tradicional rota das monções. Neste tradicional porto do Tietê demorou-se a expedição por muito tempo, durante o qual foi carinhosamente tratada por Francisco Álvares Machado, médico da cidade, que deu aos expedicionários toda a assistência necessária. Partindo do velho porto das monções, a expedição tomou o rumo de Cuiabá, sempre pela via fluvial, do Tietê ao Amazonas.

O tempo enorme que a expedição precisou demorar em Porto Feliz deu ensejo a que Hércules Florence se enamorasse de uma filha de

Álvares Machado, com quem, efetivamente, veio a se casar ao voltar da expedição, quando passou a residir em Campinas.

A expedição, já o dissemos, seguiu a rota tradicional das monções. Poderia ter preferido a via platina, mas a chamada Guerra da Cisplatina provavelmente constituiu um impecilho. Assim, não restou outro caminho senão aquele dos primeiros descobridores do ouro em Mato Grosso no século XVIII. Vinha-se até Porto Feliz, onde tinha início a navegação do Tietê; seguia-se por este rio até sua foz no Paraná; descia-se este grande rio até encontrar algum dos afluentes de sua margem direita, já em território matogrossense; subia-se por este afluente até onde fosse possível e depois – a fase mais difícil do percurso – transpunha-se o que se chamava “varadouro”, isto é o trecho de terra que precisava ser “varado”, a pé, puxando os enormes batelões até que se encontrasse algum afluente do rio Paraguai, pelo qual se prosseguiria a viagem. A procura de um “varadouro” mais curto foi sempre a maior preocupação dos monçoeiros, que acabou fixando-se no rio Pardo. Pelo Paraguai e pelos seus afluentes São Lourenço e Cuiabá, subindo-os, alcançava-se a região mineradora. Episódio verdadeiramente cinematográfico de nossa História, este das monções. Fosse nos Estados-Unidos, certamente já teriam os americanos feito numerosos filmes sobre o episódio. Em nosso país, o único local onde o evento costuma ser lembrado é a própria Porto Feliz, onde anualmente uma semana é dedicada à sua evocação com festejos e conferências. Mas é pouco para um episódio tão grandioso e significativo.

Em Porto Feliz foram os expedicionários obrigados a uma considerável demora para os aprestos da longa viagem. Permanência tão grande numa pequena cidade, deu até para Hércules Florence enamorar-se de uma jovem da localidade, com a qual veio a se casar ao retornar da viagem. Era a filha única de Álvares Machado, então médico na cidade e que se tornaria em breve uma das figuras mais expressivas da vida política de São Paulo e de outros lugares, pois chegou a ser presidente da Província do Rio Grande do Sul.

Afinal, a 22 de junho de 1826 deu-se a partida de Porto Feliz da expedição chefiada por Langsdorff, cujo batelão ostentava o pavilhão da Rússia Imperial. A grande excursão estendeu-se pelos rios Tietê, Paraná,

Pardo, Coxim, Taquari, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá, num percurso de 530 léguas ou seja bem mais de 3.000 quilômetros, em período que se desdobrou até 30 de janeiro de 1827, e que vale dizer mais de seis meses.

Infelizmente, foi triste o fim da Expedição Langsdorff. Da capital da província, onde chegaram a 30 de janeiro de 1827, os expedicionários reiniciaram viagem no dia 5 de dezembro do mesmo ano, com destino ao Pará, divididos em dois grupos. Por uma fatalidade, numa das passagens do rio Guaporé, ocorreu a morte do mais jovem dos expedicionários, Amado Adriano Taunay. Hércules não se encontrava com ele, mas registrou em seu diário: “Dia nefasto, dia marcado pela mais cruel notícia; comunicou-se uma carta do Sr. Riedel que o sr. Taunay se afogara no rio Guaporé, em Vila Bela. Encheu-nos de consternação esta desgraça; diversos habitantes da cidade vieram dar-nos os pêsames; este moço, dotado de brilhantes disposições para a pintura e membro de distintíssima família tinha por certo, diante de si, auspiciosa carreira; permatura morte, porém, arrebatou-o aos 25 anos. Na qualidade de desenhista de nossa comissão remetera para São Petersburgo perto de cem desenhos, ficando mais 130 em minhas mãos para serem coordenados”.

Quando da tragédia do rio Guaporé, que custou a vida ao jovem desenhista já era bem precárias as condições de saúde de Langsdorff, que chegou a perder completamente a razão. Assim, preferiu reunir seus companheiros em Belém e dar por encerrado o grandioso plano de exploração geográfica do centro-oeste brasileiro. Diversos outros naturalistas tiveram problemas sérios de saúde, impossibilitados de qualquer trabalho. O nosso Hércules Florence foi, de fato, o único a sair ileso da malfadada expedição, retornando ao Rio de Janeiro em março de 1828. Langsdorff, transportado para a Europa, faleceu internado num hospital da Suíça a 29 de junho de 1852.

Assim que chegou ao Rio, Hércules Florence julgou oportuno procurar Felix Emílio Taunay, não só para comentar a triste ocorrência do falecimento de seu irmão mais moço, mas também para confiar-lhe a guarda do relato que redigira da grande jornada que vinha de empreender pelos sertões do Brasil. Ponto que nunca vimos esclarecido – e certamente jamais o será – é a razão de haver Hércules Florence confiado a Felix Emilio

Taunay o relatório de sua viagem. Felix Emílio não lhe deu a menor atenção, pois o texto florenciano permaneceu perdido por mais de quarenta anos! Isto destoa completamente da imagem que nos ficou do pintor francês, apontado sempre como homem de muita iniciativa, interessado em coisas de cultura, pois além de artista, era também renomado humanista. Foi professor de D. Pedro II, o que explica a ligação entre os Taunay e a família do nosso segundo Imperador.

Quase quarenta anos depois – por sorte – passou por Campinas, integrando o corpo expedicionário que se destinava ao sul de Mato Grosso, um jovem de pouco mais de vinte anos, filho de Félix Emílio, e que viria a ser o futuro Visconde de Taunay. Nos dois meses que passou em Campinas, o jovem oficial de Engenharia teve oportunidade de encontrar-se com Hércules Florence, aí vivendo desde que retornou da Expedição Langsdorff, já casado com a filha de Álvares Machado e dando asas ao seu espírito inventivo, do qual muito se beneficiou a tipografia e principalmente a fotografia, como é sabido. E também como próspero fazendeiro no município.

Podemos imaginar – embora não haja nenhum texto a respeito – a emoção que deve ter dominado o jovem Taunay ao encontrar-se com o amigo e o companheiro do seu malgrado tio, aquele que perecera afogado nas águas do Guaporé. Como devem ter conversado sobre o assunto! E certamente Hércules lhe contou que havia deixado em sua casa, no Rio de Janeiro, o relato da grande jornada que empreendera pelos sertões do Brasil, da qual o jovem Taunay pouco ou talvez nada soubesse. Foi pena o jovem militar não ter sido mais minucioso acerca de Hércules Florence nas vinte e duas cartas que escreveu nos dois meses que passou em Campinas. Não nos esqueçamos, contudo, que Taunay era um jovem de pouco mais de vinte anos, certamente muito mais interessado nos bailes que a sociedade campineira, a todo instante, proporcionava aos expedicionários, tornando-lhes uma delícia a vida na cidade. Já escrevemos sobre este tópico da permanência de Taunay em Campinas, sem necessidade de voltar ao assunto. O que interessa, no caso, é que, regressando Taunay das operações da guerra, dedicou-se ele a traduzir e publicar o relato que

Hércules Florence redigira sobre a Expedição Langsdorff e que estava como que perdido na casa paterna no Rio.

Confessa que foi por ocasião de mudança de casa, ao separar os trastes que deveriam ser jogados fora, que o texto de Florence foi encontrado. Por um triz talvez ficasse irremediavelmente perdido. Ao perceber que se tratava do relato de Hércules Florence apressou-se Taunay em escrever-lhe pedindo autorização para traduzi-lo e publicá-lo. Ainda bem que o fato de ter ficado perdido por mais de quarenta anos não o danificou. Apenas, segundo Taunay, estava “um tanto apagado, mas ainda perfeitamente legível”. O que pode ser considerado um verdadeiro milagre, pois numa região quente e úmida, como em geral as cidades do litoral brasileiro, a danificação dos papéis é muito mais freqüente que nas regiões de clima temperado ou frio. Sem contar a incrível proliferação dos insetos papirófagos...

Das cartas escritas por Taunay a Hércules Florence, e que se encontram traduzidas no livro de Estevam Leão Bourroul, depreende-se não só que Taunay sabia da nova versão dada por Florence ao seu relato, como também percebe-se que ele, Taunay, estava à espera que o autor, já radicado em Campinas havia mais de trinta anos, cuidasse de publicar essa nova versão, sabidamente mais completa que a original que ficara em casa dos Taunay, no Rio de Janeiro.

Aconteceu, entretanto, que essa nova versão permaneceu inédita por quase cento e trinta anos, pois só em 1977 veio a ser publicada pelo Museu de Arte de São Paulo, conforme expusemos no início desta palestra. Tenhamos em conta que Hércules Florence não era naturalista, não tendo se dedicado a nenhuma das especialidades da chamada “História Natural”. Participou da excursão na qualidade de desenhista e a este respeito nada a exigir além do que ele fez. Suas estampas, em número de 114, que enriquecem seu relato, abrangem cenas, paisagens e tipos humanos, enfim o que lhe chamava a atenção na viagem, viagem que ele próprio, encerrando seu diário, considerou “penosíssima, atribulada e infeliz peregrinação”.

Encerraremos este já bem longo tópico informando que atualmente Hércules Florence, sem negar o mérito de seu valioso relato,

não constitui mais a única fonte para a Expedição Langsdorff. A partir de meados do século passado surgiu, a começar pela antiga União Soviética um enorme interesse pelo assunto e diversos livros têm aparecido, inclusive em nosso país, enriquecendo sobremaneira a bibliografia respectiva. Possuimos atualmente não só o catálogo completo de todo o material enviado para São Petersburgo, como o próprio “Diário” completo de Langsdorff, em três alentados volumes.

Campinas jamais se esqueceu de seu filho adotivo; homenagens várias lhe foram prestadas; já no dia 21 de janeiro de 1884, em sessão da Câmara Municipal foi aprovada a proposição do vereador João Bierrenbach no sentido de dar o nome de Hércules Florence a uma rua da cidade, conforme relatamos no início desta palestra. No dia 28 de fevereiro de 1963 decidiu-se a ereção de uma herma no Praça D. Pedro II, na época denominado Largo de São Benedito. E periodicamente, inúmeras vezes seu nome tem sido evocado em escolas, academias, centros culturais de várias natureza, e em muitas dessas homenagens com a participação de quem vos fala nesta oportunidade. E sempre lembrando os vários momentos de sua vida: o participante da expedição científica, o fazendeiro, o inventor que tem a seu crédito diversas experiências significativas principal no campo da fotografia constituindo o maior centro de interesse de quase todas as referências a eles feitas, esquecendo-se, às vezes, outras áreas onde suas contribuições foram igualmente válidas.

“Diante os estrangeiros ilustres, credores do Brasil – citando mais uma vez a Taunay – muito poucos terão a fé de ofício de Hércules Florence e a sua folha de serviços à nossa pátria. E se trata de São Paulo, avultam imenso estes préstimos. Vivendo, como viveu, meio século em terra paulista, exerceu Hércules Florence, ininterruptamente, fecundo papel de civilizador, ao mesmo tempo que pelo alto padrão da moralidade que era a sua, aumentava o prestígio dos seus ensinamentos de todo o gênero”; devem-lhe a nossa iconografia, das ciências naturais e a dos costumes, serviços inapreciavelmente preciosos e valiosos”. Poucos elementos alienígenas – continua Taunay – se terão incorporado ao povo brasileiro da capacidade e do mérito de Hércules Florence, em cujo espólio ainda existem documentos numerosos inéditos, verdadeiros atestados

novamente comprobatórios do que era a intelectualidade do seu singelo autor sempre prejudicado pela mais injustificável modéstia”. Talvez se escrevesse hoje Taunay modificasse seu julgamento, pois, por certo o mestre arrolaria exemplos bem significativos do quanto vem sendo levado a efeito o reconhecimento do grande franco-campineiro que estamos tentando evocar nesta sessão, de maneira não completa, pois para tal nos faltaria “engenho e arte” mas com toda a honestidade que o tema sempre nos inspirou.

“Os desenhos de Hércules Florence, despertam, com toda razão, o interesse dos estudiosos do Brasil. Sua objetividade e seu espírito de observação foram elogiados por Karl von den Steinem, Koch-Gruenberg e outros cientistas e viajantes”, assim se expressou Boris Komissaroy um dos mais credenciados analistas do franco-campineiro nas instituições científicas da Rússia.

Na opinião de seu filho Ataliba Florence, Hércules havia retratado tanto o aspecto exterior do país, sua paisagem, seu vasto sistema fluvial, como a vida econômica, a mentalidade, os usos e costumes da população. Deixou 69 desenhos que apresentam interesse do ponto de vista histórico. Seus títulos, precisos e ponderados foram elaborados pelo próprio autor. Alguns trabalhos são dedicados a fazendas; outros relacionam-se com vias de comunicação e reproduzem estradas, acampamentos, expedições fluviais, canoas e barcos a vela. Por eles pode-se ter uma idéia do aspecto de cidades e vilas como Cubatão, Juqueri, Jundiá, Porto Feliz, Pirapora, Albuquerque, Cuiabá, Cocais, Vila Maria e Santarém. Deixou trabalhos que tornam possível uma avaliação dos usos e costumes dos moradores das cidades”. Assim, seus desenhos, juntamente com os de Rugendas e Taunay, em seu conjunto, formam um “enciclopédia pictórica sem igual, que nos conduz ao passado do povo brasileiro”.

Evoquemos, mais uma vez, o mestre Taunay: “Que não deve a Hércules Florence a história dos costumes brasileiros, em São Paulo e Mato Grosso? Muitos dos seus desenhos constituem documentos únicos no gênero: assim, por exemplo os que deixou sobre as monções para Mato Grosso; das cavalhadas de Sorocaba, da velha indústria açucareira de Campinas, das aberturas dos primeiros cafezais no Oeste paulista, da vida

dos tropeiros, da vida nas fazendas campineiras, etc. E quanta vista preciosa de localidades como Itu, Sorocaba, Santos, Campinas, Cuiabá, etc.; de grandes acidentes naturais como os saltos de Itu e Avanhandava, paisagens paulistas, matogrossenses, amazônicas? Quantos retratos de personalidades célebres, apresentação de tipos, trajes e cenas populares, ambientes familiares, etc. Ao seu incansável lápis deve a nosso iconografia primeira a mais rica e original das contribuições. E considere-se, ainda seus trabalhos de etnografia, observações sobre índios estudados com fidelidade e rigor, reconhecidos pelos mais conceituados estudiosos modernos”.